

# POEMAS

– PAULO PIVARO

## À AUSENTE

já não estás, no entanto sinto  
romper-se, de raro em raro  
um sopro ao revés da brisa  
como se houvesse passado

como se na mesma leva  
do espanto te anunciaras  
em um arfar que não revela:  
traz-te sutil, esboçada

vinda de vento e memória  
– qual bruma fina que invade  
os campos, tingindo a rosa  
do alvo algodão a que sabes –

eriças toda epiderme  
sem dar aviso, e o contato  
– seja de sonho ou de pele –  
é esguio como um intervalo

pois não acorres das marcas  
do horizonte – vens de dentro:  
de um ponto ambíguo em que escapas  
à dobra do esquecimento  
cada ânimo do lembrar-te  
no que te guarda te míngua  
retendo parte da parte  
de ti que é a lembrança exígua

pois já de lembrar lembrando  
vais corrompendo-te em massa  
mista de impressões, enganos,  
serenos, vãos e palavras

e assim difusa és tão lépida  
que alças ao ar, preenchendo  
cada olhar que não te entrega  
e rosto em que não te vejo

como as nuvens, quando cirros  
no céu de um dia frio;  
como sentidos antigos  
do nome, em balbucio;

como dádiva, permeia  
tua presença a minha vida  
e quanto mais rarefeita  
tão mais decantada e íntima

#### **DEMÉRITO**

quem vai na frente  
vai mal: estorvo  
de horizonte

**PAULO PIVARO** — Paulistano e tem 35 anos. Formado em Letras pela Universidade de São Paulo, atua como professor de Língua Portuguesa e Literatura em nível médio, o que concilia com a livre criação literária e musical.